


O LAZER PELA ÓTICA DA COTIDIANIDADE EM TERAPIA OCUPACIONAL

Recebido em: 20/05/2022

Aprovado em: 04/08/2022

Licença: 

Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida¹
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Vitória – ES – Brasil

RESUMO: Introdução: Amplo debate multidisciplinar vem problematizando teorias clássicas sobre o lazer, sobretudo a oposição criada entre lazer e trabalho. Objetivo: analisar o modo como o lazer tem sido teorizado em TO e, a partir do diálogo multidisciplinar, propor avanços apoiados na perspectiva da cotidianidade. Resultados e discussão: O lazer como tempo livre automotivado se destaca na TO, denotando estagnação intelectual. Partimos da produção de Christiane Gomes que define o lazer pelo prisma da cultura. Utilizamos também Raymond Williams para redefinir vivência cultural pelo materialismo histórico, e para relacionar cotidianidade e lazer. Conclusão: mais que uma classe de ocupações, pela cotidianidade o lazer é visto a partir de uma totalidade social, entrecruzando as dimensões do tempo, territorialidade e ludicidade.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia ocupacional. Atividades de lazer. Cultura.

LEISURE THROUGH THE LENS OF EVERYDAY LIFE IN OCCUPATIONAL THERAPY

ABSTRACT: Introduction: A broad multidisciplinary debate has questioned classic theories about leisure, especially the opposition between leisure and work. Objective: to analyse how leisure has been theorized in OT; and to propose theorist advances based on the perspective of everyday life based on a multidisciplinary dialogue. Results and discussion: Leisure as a self-motivated or free time stands out in OT, denoting intellectual stagnation. We start from the production of Christiane Gomes who defines leisure through the prism of culture. We also based on Raymond Williams and others to redefine cultural experience through historical materialism, and to relate everyday life and leisure. Conclusion: more than a class of occupations, leisure is in everyday life as a social totality, crossing the dimensions of time, territory, and playfulness.

KEYWORDS: Occupational therapy. Leisure activities. Culture.

¹ Doutor em Educação e Saúde - Universidade Federal de São Paulo. Atua na Universidade Federal do Espírito Santos (UFES), Departamento de Terapia Ocupacional. Coordenador do Laboratório de Práticas Emancipatórias e Territoriais (LAPET).

Introdução

Amplio debate multidisciplinar vem ocorrendo nas últimas décadas, problematizando teorias clássicas sobre o lazer que, em estado original, já não dão subsídios para uma análise dos lazeres contemporâneos, sobretudo a oposição criada entre lazer e trabalho (GOMES, 2004). Apesar disso, a concepção do lazer como uma classe de ocupações realizadas no tempo livre parece guiar muitas práticas e pesquisas na Terapia Ocupacional brasileira, denotando certa estagnação e ausência de interlocução com os estudos do lazer.

Em vista disso, este ensaio tem como objetivo apresentar debates centrais sobre o lazer em Terapia Ocupacional em interface com os estudos sobre lazer desenvolvidos principalmente no Brasil, a fim de propor avanços a partir da ótica da cotidianidade. Entre tantas perspectivas teóricas, tomamos como ponto de partida as pesquisas de Christiane L. Gomes, deixando evidente nossas interpolações teóricas. Como será demonstrado mais adiante, a perspectiva de lazer trabalhada pela autora traz importantes tensionamentos, pois: rompe com o modo etnocêntrico de descrever (sem explicar) o lazer a partir de um conjunto de atividades/ocupações próprias às sociedades urbanas ocidentais; liberta-o da oposição ao trabalho/obrigações e dialetiza essa relação; supera a dicotomia subjetividade e objetividade e, ao mesmo tempo, coloca os lazeres em complexa relação com o trabalho, política, religião, economia, justiça e educação. Dissemos das interpolações, pois fizemos um desvio intencional ao utilizar Raymond Williams para redefinir o que entendemos por vivência cultural a partir do materialismo cultural, como também aproveitamos desta mesma referência para pensar a relação entre cotidianidade e lazer na terapia Ocupacional. Cotidiano, neste ponto, coloca-se como chave analítica através do qual se é possível entender a vivência cultural do lazer em

Terapia Ocupacional a partir de uma totalidade social. O filósofo italiano Giorgio Agamben foi outra importante referência para conceituar a ludicidade.

O Lazer em Terapia Ocupacional: Tempo-Livre, Atitude e Cultura

Uma parcela dos estudos sociológicos identifica na revolução industrial o marco responsável pelo surgimento dos lazeres contemporâneos, determinados por dois elementos fundamentais: a liberdade no que tange às obrigações ritualísticas e religiosas impostas pela comunidade; e o trabalho profissional não mais ditado pelos ciclos da natureza (DUMAZEDIER, 1999). Ainda que os seres humanos sempre tenham desfrutado de momentos prazerosos, festejos, jogos, momentos de contemplação, das artes, do sagrado ou do ócio, imprimindo nessas atividades significados diversos, falar sobre lazer segundo tal perspectiva exigiria entender o impacto da industrialização e urbanização no contemporâneo.

O sociólogo francês Jofre Dumazedier, que se apresenta como grande influência nas pesquisas brasileiras, definiu o lazer como um conjunto de atividades realizadas no tempo livre do trabalho e de quaisquer obrigações religiosas, domésticas, políticas, podendo resultar em descanso, desenvolvimento e diversão (DUMAZEDIER, 1999). Na mesma vertente, Luiz Octávio de Lima Camargo, Renato Requixa e Medeiros, são outros teóricos que trabalharam com a dicotomia trabalho e lazer, acrescentando a este último algumas propriedades, que são: escolha pessoal, gratuidade, prazer e liberação, refazimento psicossocial. Há um enfoque, portanto, no tempo residual do trabalho, na capacidade de escolha dos indivíduos e na busca pelo prazer.

Tanto a crítica ao trabalho nos moldes capitalistas quanto a idealização do lazer como instância legítima de liberdade e humanização foram a tônica de muitos intelectuais como Paul Lafargue, Bertrand Russel, Fridmann, impulsionando conquistas

importantes como a institucionalização de férias, finais de semanas remunerados e a diminuição da jornada de trabalho (CHAUÍ, 2012). No Brasil, o lazer também esteve fortemente associado às pautas políticas da classe operária, levando segmentos reacionários a investir no “bom uso” das horas de lazer como forma de controle social. O tempo residual do trabalho produtivo (o lazer) deveria ser preenchido com as atividades recreativas consideradas “saudáveis” sob risco de anomia (NIEMEYER, 2002). Importante reconhecer que essa bandeira continua presente em vários segmentos sociais que tendem a patologizar e criminalizar manifestações culturais populares.

Concepções que definem o lazer como ocupação, marcada pelo engajamento automotivado durante o tempo-livre, estão muito presentes na prática e na teoria da Terapia Ocupacional (AOTA, 2020, STEBBINS, 2009; QUEIROZ *et al.*, 2021). Em Terapia Ocupacional e na Ciência Ocupacional, não há um único significado para o termo “ocupação”. Sem entrar nos meandros dessa discussão, pode-se dizer que as ocupações referem-se às atividades da vida diária que podem ser nomeadas pelo léxico da cultura (ZEMKE; CLARK, 1996). Há autores que delimitam as ocupações pela sua relação com a saúde e com o bem-estar, ora enfocam os significados coletivos (histórico-culturais), ora nos significados pessoais (perspectiva fenomenológica). Neste ponto, vale destacar que na literatura brasileira, os termos “atividades humanas”, “fazeres” e “cotidiano” ganham maior destaque, quando comparado ao uso predominante do termo “ocupação” na língua inglesa. Vários elementos históricos, epistêmicos e ideológicos justificam tal debate e, para esta comunicação, o importante é dizer que no Brasil falar em atividade humana/cotidiano remete às práticas sociais em seus sentidos políticos, sociais, subjetivos e estéticos, em contraponto ao olhar biomédico/positivista sobre as ocupações (FIGUEIREDO *et al.*, 2020).

Várias pesquisas perpetuam a noção do lazer como tipos de ocupações, ou um grupo de atividades realizadas no tempo livre, sobretudo pelas pesquisas que se utilizam de instrumentos de avaliação padronizadas (SUTO, 1998), com destaque para a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional (COPM), priorizando análises positivistas sobre o impacto do envelhecimento, estresse, doença renal, baixa visão, problemas cardíacos, entre outras condições de saúde no desempenho do lazer (JEONG *et al.*, 2020; SANCHES, SILVA; SILVA, 2018; SOUZA *et al.*, 2019).

Ainda sob a perspectiva do tempo livre, outras pesquisas em Terapia Ocupacional relacionam as chamadas ocupações de lazer à saúde ao bem-estar e à participação, excluindo do campo de visão fenômenos socioculturais que seriam considerados de risco, insalubres, ilegais ou imorais (ALMEIDA, 2022). Quando o tema é uso de substâncias psicoativas e lazer, isso fica ainda bastante evidente. Ou o uso de drogas é excluído do rol das ocupações, ignorando a história humana atravessada pelos múltiplos significados relacionados ao uso de psicotrópicos, ou é colocado em oposição ao suposto lazer-saudável-pasteurizado (MENEZES; PEREIRA, 2019; RIBEIRO *et al.*, 2019).

Na mesma vertente do tempo, o lazer aparece no *ocupacional balance* nas produções internacionais. Saúde e bem-estar seriam alcançados pela percepção do correto balanço do tempo dispensado entre as ocupações produtivas, de lazer/brincar e descanso (WAGMAN; HÅKANSSON; BJÖRKLUND, 2012). Além disso, há menção ao equilíbrio entre o que se deve fazer e o que se gostaria (MAJNEMER, 2010). Notem que o *balance ocupacional* se aproxima em alguma parte dos estudos de Dumazedier, tanto pela forma de entender o lazer como tipos de ocupações no tempo das não obrigações, quanto pela marca funcionalista-estrutural. A percepção seria o parâmetro e, portanto, não há problematização acerca do condicionamento cultural das escolhas,

vontades e satisfação. Os deveres sociais também são naturalizados. Notem que o ideal de produtividade e sucesso individual presentes no neoliberalismo facilmente transformam o sentimento de bem-estar em equilíbrio e, por consequência, o lazer em atividade compensatória e utilitária. Acrescento também que a classificação das ocupações pretensamente universal, em áreas como lazer, produtividade e autocuidado, não contempla a realidade de culturas que se referenciam por outros modos de organização social (HAMMEL, 2009; ALMEIDA *et al.*, 2020).

A segunda vertente de estudos demarca uma mudança de enfoque ao situar o lazer como atitude (ALMEIDA; DE MICHELI e ANDRADE, 2017; ALMEIDA *et al.*, 2018; COSTA, 2008). Nesse sentido, Anita Bundy e Clemson (2009) reconhecem o argumento de Hammel (2009) quanto à improdutividade de se pensar o lazer e as demais áreas ocupacionais como tempos estanques e universais, e adotam uma abordagem fenomenológica do lazer que prioriza a atitude lúdica expressa no controle interno, automotivação e liberdade (NEULINGER, 1990; ELLIS; WITT, 1989) em detrimento (ou menor ênfase) da análise sociocultural. Assim, o lazer não seria um tempo oposto ao trabalho, mas experiência que pode ser fruída em qualquer atividade a depender da percepção pessoal. Em Costa Rica, Equador e México tal concepção também é marcante em professores, profissionais e estudantes vinculados programas de mestrado em Lazer/Tempo Livre/Recreação (GOMES, 2013). Cuenca Cabeza, teórico espanhol, é importante referência inclusive nesses países e para terapeutas ocupacionais de seu país de origem (YTARTE; CANTERO; VILA MERINO, 2017). O autor define o ócio pelo autotelismo, isto é, uma experiência humana desinteressada, cujo fim está nela mesma. (CABEZA, 2014). O autor ainda adjectiva o ócio em uma escala ascendente de complexidade, diferenciando o “ócio” do “ócio humanista” e do “ócio valioso”.

Ocio valioso es la afirmación de un ocio con valores positivos para las personas y las comunidades, un ocio basado en el reconocimiento de la

importancia de las experiencias satisfactorias y su potencial de desarrollo social. El adjetivo "valioso" enfatiza aquí el valor social beneficioso que se reconoce en la práctica de determinados ocios, así como su potencial de desarrollo humano, lo que no excluye otros tipos de desarrollo, como pudiera ser el económico (CABEZA, 2014, p. 26).

Uma terceira vertente reconhece o lazer como cultura. Corrales e Castro (2016) e Martinelli (2011), por exemplo, abordam o lazer como direito constitucional e a problemática do acesso de pessoas aos bens culturais. Já Adriana Queiroz (2021) e outros autores - que assinam capítulos do recente livro *Lazer, uma ocupação necessária: reflexões terapêuticas ocupacionais*, concebem o lazer como dimensão da cultura constituída na articulação de três elementos: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social. Esta concepção se apoia em Gomes (2014) e é combinada com a epistemologia transacional da ocupação humana e a Classificação Internacional de Saúde, Funcionalidade e Participação (WHO, 2003). Suas ideias marcam certo ineditismo à Terapia Ocupacional, trazendo uma visão clínica do lazer sustentada na ludicidade independente do que se faça e onde se faça; na superação do lazer como um grupo de ocupações, com contornos fixos e estanques; e no entendimento que o lazer é atravessado pelos aspectos culturais, econômicos e políticos. Desse modo, o exercício do lazer pela ótica da funcionalidade e das barreiras/facilitadores da participação seriam objetos de intervenções em prol da justiça ocupacional (QUEIROZ; LOPES, 2021). Em outra pesquisa, Queiroz *et al.* (2020), analisam o lazer (ócio) à luz da teoria da excitação de Norbert Elias e Dunning a partir de uma entrevista feita com uma moradora de uma residência terapêutica de Minas Gerais/Brasil. As autoras tomam as Ciências Sociais como referência, detendo-se na função das atividades físicas, do espetáculo, das artes na formação moral dos indivíduos inseridos numa sociedade. Grosso modo, a Teoria da Excitação enxerga no lazer a possibilidade de expressar ações espontâneas que são reprimidas em situações cotidianas por força do processo civilizatório. O prazer advém da possibilidade de

expressão dessas tensões, e as autoras relacionam este processo com a possibilidade de significar e elaborar sentidos às ocupações de lazer, em um contexto institucional. Nota-se, porém, que não há uma problematização sobre os impasses e contradições do funcionalismo presente na teoria quando se pensa seu uso para subversão da lógica institucional.

Por fim, de maneira muito isolada, investigações priorizam a dimensão política, tomando como foco os sentidos contingenciais do lazer noturno urbano e a produção subjetiva atravessada pelos marcadores de gênero, classe, raça, geração e estilo (ALMEIDA; LUGLI, 2018; ALMEIDA, 2020; ALMEIDA, 2022). Por meio de uma etnografia, Almeida e Lugli (2018) relatam o exercício teórico-metodológico através do qual as “cenas musicais” surgiram como perspectiva analítica do lazer noturno metropolitano marcado pelas homossexualidades masculinas. Em outros dois artigos, Almeida (2020; 2022), investiga os significados particulares que o termo resistência ganha na cena pop LGBT paulistana, incluindo na análise a dimensão político-corporal por meio de operações conceituais respaldadas nos Estudos Culturais, Nancy Fraser, em Michel Foucault, entre outros.

Cabe ressaltar, que terapeutas ocupacionais têm priorizado investigações sobre a vivência cultural a partir de outras categorias analíticas como o brincar e o lúdico, a vivência estético-artística, a acessibilidade e cidadania cultural, convivência comunitária e rede social de suporte, sem dialogarem diretamente com as teorias do lazer (GONÇALVES; COSTA; TAKEITI, 2017; SILVESTRINI; SILVA; PRADO, 2019).

Em se tratando do diálogo entre Terapia Ocupacional e Ciência Ocupacional, duas tendências epistemológicas atuais nos interessam particularmente para propormos avanços teóricos sobre o lazer em Terapia Ocupacional: a crítica sobre a etnocentralidade dos modelos e conceitos; e a compreensão transacional da ocupação. A

primeira tendência refere-se à imposição epistemológica anglo-saxã como prolongamento colonial; matrizes de entendimento são exportadas de outras latitudes, entre elas o lazer, negligenciando as diferenças culturais não ocidentais e problemas sociais decorrentes deste estado de dependência cognitiva, econômica e política (ALMEIDA *et al.*, 2020). Hammel (2009), como dito anteriormente, argumenta que o lazer seria uma categoria inerente às sociedades industriais, em dicotomia com o trabalho produtivo e, portanto, imprópria à análise de culturas não ocidentalizadas, como no caso das manifestações culturais indígenas, população ribeirinha, rural. Acolhemos essa crítica, porém a usaremos para impulsionar novas formulações conceituais, libertando as concepções de lazer terapêutico-ocupacionais dessa matriz fundamentada no trabalho como antítese ao lazer.

A segunda tendência diz respeito à compreensão transaccional das ocupações a qual se aproxima em alguns pontos do que entendemos por cotidianidade, mas se diferencia substancialmente devido ao raciocínio apoiado no materialismo histórico.

Cultura, Cotidianidade e Hegemonia

A partir da década de 1980, os estudos do lazer no Brasil inauguraram importante tendência que se prolongou até os dias atuais: o lazer deixa de ser concebido como ocupação em oposição ao trabalho, e a cultura torna-se o elemento central (GOMES, 2004). Na esteira dessas pesquisas e respondendo à crítica de Hammel (2009), propomos um entendimento do lazer que não esteja fincado na oposição ao trabalho e aos tempos sociais advindos do modo de vida urbano capitalista. Ou seja, o lazer pode ser um fenômeno observável em sociedades não ocidentais, desde que haja um redimensionamento teórico. Há outras rotas históricas e, por conseguinte, diversos

lazer que não podem ser lidos pela divisão de tempos, pelas formas de consumo ou mesmo pelo individualismo das práticas automotivadas.

Ao invés disso, partimos da ideia de que lazer é “uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações” (GOMES, 2004, p. 125).

Definir o lazer assim exige explicar primeiramente o que entendemos por cultura. Gomes (2008, p. 4), buscando referências na antropologia (Geertz) e nos Estudos Culturais (Stuart Hall) compreende “cultura como produção humana e como dimensão simbólica na qual o significado é central”. Por nossa vez, gostaríamos de enfatizar não só os modos de vida, valores e significados, mas sobretudo o caráter político e material da cultura. A cultura como experiência totalizante é fruto da relação entre consciência e condições materiais, o que vai da linguagem aos meios de comunicação. Ela é produzida pelos meios de produção e se materializa em relações sociais, instituições, convenções e formas. Assim, cultura é o “campo de batalha” articulada à política e à economia (não cabendo o pensamento economicista base-superestrutura) pois, dentro das sociedades, sempre há contrastes, conflitos e solidariedades entre os modos de vida e visões de mundo.

Importante neste ponto, marcar uma limitação das proposições de Queiroz (2021) ao enxergar a vivência lúdica do lazer entrecruzada com a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (WHO, 2003). Embora sua pesquisa denote avanços ao pensar o lazer pelo viés cultural, o raciocínio funcional coloca a cultura como elemento externo à atividade/participação, cujos efeitos são reduzidos à relação dual: barreira e facilitador do desempenho. Pela ótica da funcionalidade, a participação no lazer perde seu sentido político e a análise do

condicionamento material e simbólico fica empobrecido. Queremos, portanto, demonstrar que a vivência do lazer como cultura não é neutra e acontece dentro de limites, isto é, são determinados historicamente. Quando falamos em determinação, não aplicamos um sentido mecânico ou fatalista, senão a ideia de que as práticas sociais acontecem sob pressões (WILLIAMS, 2007; 2011). Em outras palavras, para sermos sujeitos e exercermos agência sobre a realidade posta, somos assujeitados pelas condições materiais. Esse pressuposto materialista é um modo relacional de se pensar a cultura que comporta múltiplas relações: impedimento ou facilitação à realização são apenas duas delas, que coexistem com processos de resistência, seleção, e incorporação que organizam, inclusive, a forma como sentimos, desejamos, escolhemos, percebemos e agimos.

Quando apresentamos o lazer pela ótica da cotidianidade, queremos definir um modo específico de analisá-lo a partir de uma totalidade. Isso não significa somar fragmentos de atividades a título de um holismo em que tudo é importante. O cotidiano como “totalidade das práticas sociais é compatível coma noção de ser social determinando a consciência” que se opõe à ideia de camadas ou somatório de partes (WILLIAMS, 2011, p. 49).

Pelo transacionalismo ocupacional, prevê-se uma compreensão situacional que supera a perspectiva de tipos de ocupação estanques, pois elas as ocupações se combinam, se relacionam e interagem de modo bastante complexo, trazendo em si a conjunção de elementos econômicos, políticos e culturais. Há uma semelhança ao que estamos defendendo pela cotidianidade. Contudo, nossa perspectiva reafirma essa totalidade complexa, mas se diferencia ao enfatizar as determinações sociais com base em uma teoria social. Pois se toda sociedade tem uma organização e uma estrutura específicas, e que os princípios dessa organização e estrutura podem ser vistos como

diretamente relacionados a certas intenções sociais, inferimos que as intenções são regidas por uma classe particular.

Hegemonia é o conceito-chave desta compreensão, entendendo como micro e microsociedade estão articuladas (WILLIAMS, 2011). Em vista disso, é essencial abordar as chamadas *atividades significativas*, a partir da hegemonia, isto é, como um conjunto de práticas e expectativas, valores e investimento que guiam nossa compreensão corriqueira do mundo e, mutuamente, são experienciados como práticas. Nesta parte, devemos realçar que a hegemonia não é única, ainda que se relacione com o modo dominante e eficaz de organizar as atividades humanas. Pelo contrário, as estruturas internas da hegemonia são complexas e necessitam ser continuamente renovadas, recriadas e definidas. Tal compreensão abre espaço para pensarmos em intervenções de cunho educativo bem como a interculturalidade, enxergando na totalidade hegemônica movimentos de emergência e oposição ao que é hegemonicamente opressor (WILLIAMS, 2011).

Dimensões do Lazer Propostas para Terapia Ocupacional

Tempo

O lazer é vivência cultural que se beneficia, mas não se limita aos parâmetros temporais institucionalizados, como férias, finais de semana, feriados (GOMES, 2004). Como dito anteriormente, a polarização entre tempo livre e tempo de trabalho restringe a compreensão do lazer. Pelo ponto de vista antropológico, por exemplo, há sociedades não industrializadas em que o trabalho não está dissociado da vida social. A vida no campo, a lida na roça ou mesmo as atividades na floresta para determinados povos indígenas podem se colocar como âmbitos que conjugam simultaneamente subsistência e sociabilidade (MAGNANI, 2012). Para Tim Ingold, conforme citação de Magnani

(2012), a experiência do tempo nessas culturas, nomeada de *task-orientation*, tende a ser intrínseca ao exercício de uma atividade. Argumenta ainda que nas sociedades capitalistas, é possível encontrar resíduos desse modo de vida em atividades laborais que adotam lógicas alternativas ao capitalismo ou então nas atividades cotidianas que remetem à familiaridade, ao “estar em casa”, onde as pessoas se conhecem e são conhecidas mais intensamente. Ou seja, é o modo de trabalho capitalista industrializado que tenderia a provocar essa cisão, em termos de vivência e epistemologia, entre trabalho e as outras expressões culturais.

No mesmo sentido, Almeida (2022) sobre o contexto urbano, demonstra como o lazer noturno LGBTQ+ aparece interligado à profissionalização. São temporalidades que coexistem no plano social. O trabalho informal nas festas e boates, seja como DJ, hostess, performers ou com a divulgação de eventos coloca-se como alternativa de vida para alguns jovens gays efeminados, travestis e transsexuais. Para muitos deles, as carreiras tradicionais ainda ostentam expectativas sociais heteronormativas que lhes são ameaçadoras. Assim, o lazer é carregado de interesses e estratégias que mobilizam capital social, cultural e econômico produzido nos espaços das festas. Mas para além da relação com o trabalho, é possível identificar nesse mesmo tempo de lazer mecanismos de aprendizagem informal e ações políticas que se materializam nas regras de sociabilidades, comunicação e performance da sexualidade e de gênero.

Território

Considerando aqui o território como coordenada espaço-relacional do cotidiano, o lazer pressupõe a apropriação territorial. Tal dimensão do lazer merece destaque quando reconhecemos o problema do usufruto dos espaços cada vez mais privatizados, a questão do deslocamento urbano, o aumento de pessoas sem habitação, a relação entre

periferia e centralidade no acúmulo e acesso aos bens sociais, a luta indígena pela delimitação de terras e outros tantos problemas contemporâneos. Seria ingênuo e demasiado abstrato, nós da América Latina adotarmos concepções que negligenciam a espacialidade em um continente constantemente *invadido*. Análises subjetivistas fincadas apenas no prazer automotivado e outros elementos considerados internos e individuais pactuam com a realidade opressora e oferecem recursos de intervenção limitados quando pensamos a transformação social como finalidade.

Magnani (2012), pela antropologia urbana, levanta algumas categorias analíticas do lazer que abarcam a espacialidade e a sociabilidade ao mesmo tempo. *Pedação* nomeia “o espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2012, p.96)”. A *mancha*, por sua vez, refere-se aos vínculos efêmeros, que se fazem e se desfazem em razão de algum evento, partilha do espaço e consumo. Também existem circuitos, trajetos que expressam o modo como o espaço citadino produz e é produzido pelas relações de lazer. Além dessas categorias, temos as *cenas* como territórios dinâmicos, criados a partir das atividades culturais, onde é possível enxergar dinâmicas de apropriação e transformação da cidade, alianças, experimentação de códigos, dinâmicas de poder ou justaposição de locais pelas tecnologias (ALMEIDA; LUGLI, 2018). A partir das cenas, é possível também pensar territórios híbridos, em que a vida online e offline se cruzam, possibilitando fluxos translocais.

Ludicidade

O lazer também envolve a ludicidade como elemento central (GOMES, 2004), o que não significa infantilizar o lazer, nem idealizá-lo como fonte exclusivamente de prazer. Participar de uma quermesse, andar de bicicleta, passar o dia na praia, ouvir uma música tentando aprender uma coreografia, são exemplos de vivências culturais que, às vezes, incluem esforço, frustração, risco, tristeza, preocupação, ansiedade, cansaço, assim como prazer, alegria, descoberta, excitação etc. De modo semelhante, nem sempre o lazer implica em uma vivência intensa, alegre e produtora de desejos. Na etnografia no lazer noturno LGBT citada acima (ALMEIDA, 2020) há registros acerca do sofrimento de alguns jovens em relação à repetição dos acontecimentos e aos padrões de relacionamento opressivos.

Mas o que seria a ludicidade no lazer? Para responder essa pergunta, tomamos como base a noção de “experiência” de Walter Benjamin, trabalhada posteriormente por Agamben (2008), para localizar o lúdico no centro da história. Entendemos que o lúdico está entre a experiência (criação) pura e a linguagem (repetição). É possível pensar a experiência como o não instituído, o que resiste à determinação para atravessar o tempo em direção ao vazio daquilo que vem, daquilo que é potência. No lúdico haveria um estado de passagem, de morada provisória, de aprendizado e espanto da linguagem rumo à diferenciação. O lazer, portanto, transita entre uma coisa e outra, entre “o que foi” e o “ainda não”, mas no mundo contemporâneo ocidental, toda experiência lúdica tende a ser capturada pelas linhas duras do instituído, do normalizado, do pasteurizado.

Conclusão ou Síntese das Proposições para Terapia Ocupacional

No decorrer deste ensaio, resgatamos boa parte dos estudos sobre o lazer em Terapia Ocupacional a fim e atualizar o debate teórico no campo, destacando diálogos

multidisciplinares realizados principalmente no contexto brasileiro. Em vez de tomarmos o lazer como uma classe de ocupações não obrigatórias e não produtivas, restrita ao mundo ocidental industrializado, sugerimos que o lazer é vivência cultural. Isso implica na adoção de uma perspectiva ontológica, em que o ser social, em seu processo humanizante de apropriação simbólica e material do mundo, pode ser lido a partir de três eixos que nos pareceram fundamentais: tempo, território e ludicidade. Em se tratando da Terapia Ocupacional, tais eixos se aproximam facilmente de construções consistentes já existentes na profissão.

A cotidianidade funciona como uma espécie de lente que ajusta a escala analítica que permite enxergar o modo como as estruturas sociais (macro/genérico) se relacionam com a sociabilidade (ALMEIDA, 2020). Pensar na hegemonia é fundamental neste ponto, ao deixar em evidência a pressão de determinados valores, disposições e práticas sob a organização do cotidiano. A vivência/reprodução/resistência dos significados hegemônicos coloca em questão os problemas contemporâneos ligados ao lazer, tais como: o consumo, as opressões ligadas ao racismo, as LGBTQfobias, a interculturalidade, a marca da privatização e invasões territoriais, o moralismo e etnocentrismo presente na criminalização de práticas culturais, entre outros.

Ainda que se reconheça a força do pensamento neoliberal capitalista, do patriarcado e das relações raciais, vetores esses que formam o que Lugones (2020) chama de matriz de opressão colonial, devemos reconhecer a primazia do cotidiano sobre a história, ou seja, a vida vivida não deve ser contada a partir de normativas, decretos e grandes marcos históricos. É na totalidade cotidiana, na aparente trivialidade dos acontecimentos, que sentimos a força das estruturas, bem como como o nascimento de práticas emergentes e opositoras. E é nesta mesma escala que a subjetividade, política, cultura e economia se articulam para feitura do real (ALMEIDA, 2020).

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história: Editora UFMG, 2008, 188p.
- ALMEIDA, D. E. R. G. Policy and resistance in the homosexual nightlife. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** v.28, n.4, p. 1251-1267, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO2102>. Acesso em: 17 mai. 2020.
- ALMEIDA, D.E.R.G *et al.* Perception of freedom in leisure among substance users and nonusers. **Psico-USF [online]**, v.23, n.1, p. 13-24, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230102>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- ALMEIDA, D.E.R.G, DE MICHELI, D.; ANDRADE, A.L.M. O lazer e o uso de substâncias entre adolescentes: uma revisão integrativa. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.17, n.3, p. 970-988, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812017000300010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 17 mai. 2022.
- ALMEIDA, D.E.R.G. *et al.* Autoetnografia como estratégia decolonizadora de ensino sobre o cotidiano em Terapia Ocupacional. **Interface** (Botucatu), v.24, e190122, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190122>. Acesso em: 19 mai. 2022.
- ALMEIDA, D.E.R.G. Night-time leisure: gender and sexuality intersected by generation, style, and race in the São Paulo pop LGBTQ+ scene, **Journal of Occupational Science**, v.29, n.1, p. 52-67, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2022.2038248>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- ALMEIDA, D.E.R.G; LUGLI, R.G. As cenas musicais como moldura analítica do lazer noturno: homossexualidades masculinas em perspectiva. **Cad. Bras. Ter. Ocup.**, v.26, n.4, p.747-758, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1628>. Acesso em: 17 mai. 2022.
- AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION (AOTA). Occupational Therapy Practice Framework: Domain and Process—Fourth Edition. **Am J Occup Ther** v. 74, Supplement 2, 7412410010p1–7412410010p87, August 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S200>. Acesso em: 19 mai. 2022.
- BUNDY, A.; CLEMSON, L. M. Leisure. *In*: BONDER, B.R.; BELLO-HASS, VD (Orgs), **Functional performance in older adults**, 3 ed., Philadelphia: F.A. Davis, 2009. p. 290-310.
- CABEZA, M. C. Aproximación al ocio valioso. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. p.21–41, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/432>. Acesso em: 19 may. 2022.
- CHAUÍ, M. Sobre o direito à preguiça. *In*: NOVAES, A (Org). **Elogio à Preguiça**. São Paulo: Edições SESC, 2012. p. 77-106.
- CORRALES, C. M. S.; CASTRO, E. D. de. Passear e participar: o lazer ampliando a circulação social de pessoas com deficiência. **Licere**, v.19, n.3, p.1–28, 2016.

Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2016.1285>. Acesso em: 17 mai. 2022

COSTA C. **Percepção de liberdade no lazer:** perspectiva dos trabalhadores de saúde mental dos centros de referência e centros de convivência do município de Belo Horizonte. 2008. 168f. (Mestrado). Universidade do Porto, Portugal, 2008.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia Empírica do Lazer.** São Paulo: Perspectiva, SESC, 1999. 244p.

ELLIS, G.D.; WITT, P.A. The leisure diagnostic battery users manual. State College, PA: Venture Publishing, Inc., 1989.

FIGUEIREDO, M.O. *et al.* A ocupação e a atividade humana em terapia ocupacional: revisão de escopo na literatura nacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]**, v. 28, n. 3, p. 967-982, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAR1858>. Acesso em: 17 mai. 2022.

GOMES, C. L. Compreensões de Lazer/Ocio na América Latina: uma análise conceitual. **Licere**, v. 16, n. 4, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.667>. Acesso em: 17 mai. 2022.

GOMES, C. L. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Itinerarium**, v.1, n.1, p. 1-18, 2008. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/itinerarium/article/view/204>. Acesso em: 17 mai. 2022.

GOMES, C. L. Lazer: Concepções. *In:* GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 133-141.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v.1, n.1, p.3-20, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 17 mai. 2022.

GONÇALVES, M., COSTA, S.; TAKEITI, B. Terapia ocupacional e cultura: atravessamento, recurso ou campo de atuação? **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, v.1, n.5, p. 538-555, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto10078>. Acesso em: 17 mai. 2022.

HAMMELL, K. W. Self-Care, Productivity, and leisure, or dimensions of occupational experience? rethinking occupational “categories.” **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v.76, n.2, p. 107-114, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000841740907600208>. Acesso em: 17 mai. 2022.

JEONG, E. H. *et al.* The Development of Leisure Participation Assessment Tool for the Elderly. **Occupational therapy international**, ID 9395629, p.1-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2020/9395629>. Acesso em: 17 mai. 2022.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In:* HOLLANDA, H.B. (Org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020. p. 52-83.

MAGNANI, J. G. C. **Da periferia ao centro**. Trajetórias de pesquisas em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. 352p.

MAJNEMER A. Balancing the boat: enabling an ocean of possibilities. **Canadian journal of occupational therapy**. Revue canadienne d'ergothérapie, v.77, n.4, p.198–208. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.2182/cjot.2010.77.4.2>. Acesso em: 17 mai. 2022.

MARTINELLI, S. A. A importância de atividades de lazer na terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional**, [S.I], v.19, n.1, 2011. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/429>. Acesso em: 17 mai. 2022.

MENEZES, A.L.C.; PEREIRA, A. R. Desempenho ocupacional de adolescentes usuárias de drogas. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional [online]**, v.27, n.4, p. 754-764, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1885>. Acesso em: 17 mai. 2022.

NEULINGER. J. **The road to Eden, after all: a human metamorphosis**. The Netherlands, 1990. 154p.

NIEMEYER, C.A.C. **Parques infantis de São Paulo**. Lazer como expressão de cidadania. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002. 180p.

QUEIROZ, A.G (Org.) **Lazer, uma ocupação necessária: reflexões terapêuticas ocupacionais**. Belo Horizonte, MG: Editora Saci, 2021. 259p.

QUEIROZ, A.G. *et al.* Expresión de la sexualidad de una habitante de una residencia terapéutica como ocio: encuentros entre Elias y Dunning y la Terapia Ocupacional. **Revista Ocupación Humana**, v.20, n.1, p.106–117, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25214/25907816.263>. Acesso em: 17 mai. 2022.

QUEIROZ, A.G. *et al.* Leisure in mental health occupational therapy interventions: a qualitative investigation. **Research, Society and Development**, v.10, n.11, e200101119439, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i11.19439>. Acesso em: 17 mai. 2022.

QUEIROZ, A.G.; LOPES, L.M.A. Lazer e justiça ocupacional: reflexões para a prática terapêutica ocupacional. *In*: QUEIROZ, A.G. **Lazer, uma ocupação necessária: reflexões terapêuticas ocupacionais**. Belo Horizonte, MG: Editora Saci, 2021. p. 197-225.

RIBEIRO, J. *et al.* Intervenção da Terapia Ocupacional na toxicodependência: estudo de caso na Comunidade Terapêutica Clínica do Outeiro – Portugal. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v.24, n.5, p.1585-1596, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/141381232018245.04452019>. Acesso em: 17 mai. 2022.

SANCHES, B. P., SILVA, N. R.; SILVA, M. L. Avaliação do estresse em estudantes concluintes de terapia ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v.26, n.1, p.153–161, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1025>. Acesso em: 17 mai. 2022.

SILVESTRINI, M.S; SILVA, C.R; PRADO, A.C.S. Terapia ocupacional e cultura: dimensões ético-políticas e resistências. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** [online]. 2019, v. 27, n. 4, p. 929-940. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>. Acesso em: 19 mai. 2022.

SOUZA, T.T. *et al.* Impactos da Doença Renal Crônica no desempenho ocupacional de crianças e adolescentes em hemodiálise. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** [online], v.27, n.1, p. 72-80, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1741>. Acesso em: 17 mai. 2022.

STEBBINS, R. Serious Leisure and Work. **Sociology Compass**, v. 3, n.5, p. 764–774, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2009.00233.x>. Acesso em: 19 mai. 2022.

SUTO, M. Leisure in Occupational Therapy. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v.65, n.5, p. 271–278, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000841749806500504>. Acesso em: 17 mai. 2022.

WAGMAN, P., HÅKANSSON, C.; BJÖRKLUND, A. Occupational balance as used in occupational therapy: a concept analysis. **Scandinavian Journal of Occupational Therapy**, v.19, n.4, p.322–327, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.3109/11038128.2011.596219>. Acesso em: 17 mai. 2022.

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007. 464p.

WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. Editora UNESP, 2011. 420p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **International Classification of Functioning, Disability, and Health**. 2003. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 11 out. 2022.

YTARTE, R.M; CANTERO, P. A. G.; VILA MERINO, E.E.S. **Ocio, bienestar y calidad de vida en terapia ocupacional**. Madrid: Editorial Síntesis, 2017. 212p.

ZEMKE, R.; CLARK, F. (Org.) **Occupational science**: the evolving discipline. Philadelphia: F.A. Davis, 1996. 466p.

Endereço do Autor:

Diego Eugênio Roquette Godoy Almeida
Endereço Eletrônico: diego.e.almeida@ufes.br